

QUEM TOCA O SINO NO ACOMPANHA A PROCISSÃO: TOQUES DE SINO E AMBIENTE FESTIVO EM OURO PRETO.

MONTANHEIRO, Fábio César (UFSCar / UNESP-FCL-Araraquara/UNIFIAN).

Toques de sino: patrimônio imaterial

Mário de Andrade, quando redigiu o ante-projeto com vistas à criação da então SPHAN – Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – nos anos 1930, já procurava nele incluir variadas formas de manifestações culturais dos brasileiros, não apenas de cunho material mas também imaterial. Ele

acreditava que o verdadeiro patrimônio de um povo não estava materializado naquelas coisas que podem receber as eternas placas patrimoniais de cobre, mas nestas menos nobres que se esvaem como a voz: coisas perecíveis, relacionais, efêmeras e, por isso mesmo, vivas. (Miranda, 2006, p.21)

Seu projeto, visto como arrojado para a época, não foi contudo totalmente implementado, dado a falta de estrutura administrativa e orçamentária para tal, recaindo as atenções do Órgão então criado sobre os bens móveis e imóveis (Lemos, 1985, p.41-3).

Será necessário esperar até o ano 2000 para que o Governo Brasileiro implemente o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, por intermédio do qual se inicia o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Atualmente, vários inventários se encontram em andamento no IPHAN, entre eles o Inventário Nacional de Referências Culturais do Toque dos Sinos, que contempla o toque dos sinos de algumas cidades mineiras, Ouro Preto entre elas.¹

Sino: signo da Cristandade

Instrumento sonoro de origem oriental, o sino difundiu-se amplamente pelo mundo cristão ocidental. Já a regra de São Bento (século VI) pontuava o dia dos monges por alguma forma de sinal sonoro. Na chamada para os ofícios divinos os monges deveriam, ao primeiro sinal dado para Noa, por exemplo, largar “cada qual o seu trabalho, de modo a estar preparado para quando tocar o segundo sinal” (Regra, 1951, p.60). O texto é claro quanto à existência de um “sinal” para congregá-los, porém não explicita de que natureza seria. Porém já nessa época os sinos funcionariam como marcadores temporais, pois segundo Le Goff, desde os séculos VI e VII, o tempo da Igreja soado em torres de mosteiros e catedrais passaram a regular não apenas a vida dos homens da Igreja mas também dos homens em geral (Le Goff, 1984, p.345).

Expandindo-se o emprego dos sinos e sendo eles configurados como signo da Cristandade, serão incorporados aos ritos cristãos, por intermédio da instituição de sua bênção. Esse ato os alça a certo estágio de sacralidade, pois a “Igreja, que santifica tudo o que ela toca, não podia deixar de benzer os sinos, tão intimamente ligados a seu culto” (Lesage, 1959, p.73): como reconhecimento da incorporação dos sinos à liturgia instituiu-se, então, no século VIII, a bênção dos sinos, oficializando-se, destarte, sua função no culto, inserindo-o no rito.

Da Europa para a América Portuguesa

Amplamente difundido na Europa e incorporado ao cotidiano dos povos, sinos aportaram na América Portuguesa juntamente com a implantação da Igreja. Quando D. Pedro Sardinha, primeiro bispo do Brasil, assumiu sua diocese de Salvador, em 1552, trouxe, entre ornamentos, peças de prata e outras alfaias do serviço da igreja, sinos (Soares apud Oliveira, 1964, p.144-5). Não apenas o instrumento, mas também o costume de se tocarem os sinos com funções múltiplas, inclusive de difusão de informações, foram importados do Velho Mundo. Nesse sentido, a codificação da linguagem sineira encontrada no **Ceremonial Serafico** da Ordem Franciscana (Conceição, 1730) exemplifica as múltiplas funções campanárias que se registravam no cotidiano dos mosteiros europeus de então. A variedade de formas e ocasiões dos diferentes toques ali precisamente compilados – mais de cinqüenta – ilustram que, além da importante função de marcador temporal, a linguagem dos sinos também comunicava uma gama de eventos variados.

Sinos na documentação confrarial ouropretana

Sinos existem em Ouro Preto desde o início de sua formação. A documentação confrarial o abona. A Irmandade do Santíssimo Sacramento da matriz do Pilar de Ouro Preto resolveu, em reunião de 1º. de maio de 1712 “mandar vir do Rio de Janeiro um paramento de damasco carmesim, com franjas de ouro, o pálio, galhetas de prata, uma lâmpada, uma Cruz, Custódia, Sino etc” (Menezes, 1975, p.74). A mesma irmandade despendeu, três anos depois, 69 ¼ oitavas de ouro relativas ao pagamento de parte de um sino (ibidem, p.129) e, na Mesa de 1723/24, 71 oitavas relativas à “[a]juda do feitio do sino” (ibidem, p.130).

Mas o uso dos sinos não se associava exclusivamente à Igreja, pois em 1729, vereadores e autoridades judiciárias de Vila Rica, com o intuito de coibir infrações que,

de ordinário, ocorriam à noite, encomendaram um sino para a Casa da Câmara, o qual deveria tocar

das oito para as nove horas da noite, para depois de tocado saírem rondas pelas ruas desta vila a prender a todas as pessoas que cometeram semelhantes insultos e delitos, e a perturbarem a paz e sossego público, que se castigarão pelas justiças de El-Rei Nosso Senhor... (Edital do Senado de Vila Rica, 4-V-1729, apud Mello e Souza, 1986, p.162.)

Este era o *sino de correr*, empregado pelo poder civil para indicar à população que a partir de seu toque a vila deveria repousar, que todos deveriam se recolher e que, estando o trânsito pelas ruas proibido, elas deveriam estar desertas.

A freguesia do Pilar de Ouro Preto já disporia, então, de sinos, em 1733, ano em que se realizou em Vila Rica a faustosa procissão do Triunfo Eucarístico. Esse préstito foi organizado para a trasladação do Santíssimo Sacramento da capela do Rosário, onde estivera temporariamente depositado, até a nova igreja matriz, que se encontrava em construção. Desse evento originou-se uma relação homônima, de autoria de Simão Ferreira Machado, publicada em Lisboa no ano de 1734, na qual há uma passagem, em que fica evidente o papel dos sinos na composição do cenário festivo:

A claridade dos ares, a serenidade do tempo, a estrondosa harmonia dos sinos, a melodia artificiosa das musicas, o estrepito das danças, o adorno das figuras, a fermosura na variedade, a ordem na multidão, geralmente influiu nos corações huns jubilos de tão suave alegria, que a experiencia a julgava alheya da natureza, o juizo communicada do Ceo. (Machado, 1734, p.41)

As irmandades religiosas leigas terão uma preocupação especial em possuírem sinos, o que é verificável em seus Livros de Compromisso. No Compromisso da irmandade do Santíssimo Sacramento (1738) existe um capítulo designando em que funções seriam os sinos tocados. Embora tivesse apenas um sino na época da redação de seu Compromisso, antevê a irmandade a possibilidade de vir a ter outros e acaba por redigir o capítulo como se já os tivesse – “**cujos senão tocarã**m”; “**se tocarem**”; “**nos ditos Sinos**”:

Tem esta Irmand.^e hum Sino, e poderá pelo tempo adiante ter mais, cujos senão tocarã mais doque nasfunçoens da Irmandade, e nasdo falecimento dos Irmãos, molheres, e filhos delles, equando os officiaes juntos, ou empaticular derem licença para setocarem, e deoutrasorte senam poderá entremeter mais pessoa alguma nos ditos Sinos. (Cap.28)

O final da passagem acima expressa um controle rigoroso do acesso aos sinos da irmandade, possivelmente na tentativa de preservar esses caros instrumentos de incautos tocadores que pela inabilidade pudessem vir a trincá-los – o que implicaria em

gastos à associação – ou então teriam os confrades consciência “destes mensageiros sonoros” (p.191), “destes poderosos instrumentos de comunicação, indispensáveis naquele tempo” (p.260), como se refere Lange (1982) aos sinos, e buscassem coibir qualquer manifestação não reconhecida pela irmandade.

Se os sinos sinalizavam os momentos festivos, noticiavam igualmente momentos lúgubres, participando a comunidade do passamento do confrade de alguma irmandade. Livros de Compromisso redigidos durante o Setecentos previam tais sinais fúnebres, a exemplo de citação anterior. As cerimônias fúnebres eram vistas, aliás, pelo imaginário da época, como quesitos componentes do viático que auxiliaria a alma do falecido em sua passagem do purgatório rumo ao Céu. Se nos detivermos em Minas, esses cerimoniais refletiriam o que Ávila definiu como “primado do visual na cultura barroca mineira”, consistente em “uma bem definida sensibilidade ótica, esta condicionada, sem dúvida, pelo peculiar modo de ver barroco” (Ávila, 1967, p.87). Segundo o mesmo autor, as festas – por um ou outro motivo – se constituiriam em aspecto essencial da sociedade mineradora e seriam “expressão de um modo de ser cultural, de um comportamento social, de um condicionamento ideológico” que se configurariam em resíduos do século anterior (Ávila, 1971, p.41). Extrapolando o campo da visão, o ritmado toque de sinos comporia sensorialmente com o apelo visual. Se expandirmos o recorte geográfico e partirmos para o litoral, podemos verificar que morte e festa eram limítrofes, como Reis retrata em sua obra **A morte é uma festa** (1991).

Nestas circunstâncias exequiais, embora a Igreja recomendasse o uso parcimonioso dos toques de sino (Vide, 1843, Livro IV, título XLVIII), suas normas eram constantemente infringidas. Luísa Perpétua do Espírito Santo mandou bater o sino 58 vezes para o marido, morto em 1820, em Salvador (Reis, op.cit., p.154), e a Ordem Terceira do Carmo de Sabará registrou, em termo de 8 de novembro de 1835, representação do Secretário à “Meza sobre o abuzo que se praticava com os repetidos dobres de sino, que se fazem quando fallece algum Irmão poderoso fazendo se desta maneira diferença entre estes, e os menos abastados” (Passos, 1940, p.76).

Os sinos, sendo portanto constantemente tocados, seja por um motivo ou por outro, tinham sua linguagem conhecida pela população local. Além de os habitantes decodificarem a mensagem transmitida, conheciam suas vozes, identificavam de que igreja e de que irmandade partia o toque. E, uma vez decodificada a mensagem e identificado o emissor, deduções eram formuladas. Salles, ao discorrer sobre a

intensidade do sistema de agrupamento social das irmandades, comenta brevemente sobre seus sinos:

E pelo toque do sino em finados, ao longe, já se sabia que havia falecido um irmão do Rosário ou do Carmo ou do Santíssimo.
[...] os sonoros carrilhões eram a música das cidades. A matriz tocava e o Carmo respondia. Conhecia-se o morto pelo repicar do sino. Ao ouvi-lo, diziam: “morreu um irmão das Mercês”. (SALLES, 1963, p.64; p.119)

Os sinos, com suas vozes ditosas e falas ligeiras, a repicar freneticamente, comunicando a missa dominical ou a festa da irmandade, ou então, com suas pancadas roucas, intervaladas e graves, ora pontuadas por badaladas agudas, a anunciar a morte de um potentado ou de um pingante, compunham o cenário de identidade do sujeito, inserindo-o temporal e espacialmente em seu meio, lembrando-o a todo instante de sua relação com o divino e da transitoriedade da vida terrena.

Toques passados e toques presentes

Na atualidade, os campanários ouropretanos se apresentam como um lugar privilegiado, onde os diversos toques dos sinos atestam uma longa história de tradições religiosas e artesanais por um lado e, por outro, a remanescência de uma “*linguagem*”, de um sentir particular produtor de significações no coração das Minas Gerais. Os falares campanários em Ouro Preto são remanescentes de um tempo em que os sinos eram os arautos das localidades, os mensageiros sonoros que participavam acontecimentos sociais a toda gente que sabia compreendê-los e davam voz à vigente religiosidade mineira, afeita, desde suas origens, a festas e atos aparatosos.

Alguns toques – como aquele que se dava às sextas-feiras em memória da morte de Cristo, o *Angelus*, o das Almas, o sino de correr, o de mulheres em dificuldade de parto e a chamada para catecismo – não se ouvem mais². Guardaram-se ali os toques fúnebres, os que prenunciam missa, os festivos, os processionais, aqueles dados durante celebrações solenes da Igreja – algumas delas já banidas do cerimonial católico ou raramente realizadas, porém ali preservadas.

Esses toques, essa linguagem campanária, variam de lugar para lugar: embora noticiem o mesmo evento, a forma como os toques são melodicamente compostos varia de uma localidade para outra, pois “[d]eve seguir-se em toda parte o costume local, que tem sua linguagem bem conhecida dos habitantes” (Lesage, op.cit., p.73). Assim sendo, o modo como os sinos tocam em Ouro Preto, Mariana, São João del Rei, Tiradentes, Catas Altas ou Diamantina para anunciar missa, por exemplo, não é o

mesmo, ou seja, embora denotem o mesmo acontecimento, os toques não guardam a mesma melodia, a mesma notação musical entre essas diversas localidades.

Observa-se atualmente a manutença, em certa medida, dos momentos em que os sinos são tocados – o que era outrora estabelecido pelas regulamentações eclesiásticas – e da melodia, da música, das notas e cadências dos toques – definidas localmente e passadas de geração a geração. A transferência e posse desse saber-fazer – no caso, o como e o quando se tocarem os sinos – insere o sineiro como um dos elementos-chave do ambiente festivo. Hauck (1980), ao comentar a liturgia da Igreja no período 1808-1840, diz que

[t]odas as festas e comemorações, mesmo cívicas, assumiam caráter religioso; os rituais, estabelecidos pela tradição, eram religiosamente transmitidos de geração em geração: o modo de bater os sinos da igreja, as músicas a serem tocadas nas festividades, a ordem de precedência nas procissões. (p.99)

Embora observando aquilo que lhe foi transmitido, cada sineiro imprime em seu toque uma marca pessoal, sendo possível aos colegas identificarem, pelo toque, quem está na torre a repicar os sinos. Isso não significa que o toque mude de sineiro para sineiro: essas pequenas mudanças equivaleriam a diferentes sotaques de falantes de uma mesma língua ou, por tão sutis que são, às vozes de cada falante de uma mesma localidade. Contudo, às vezes os jovens sineiros tentam alguma inovação, o não é bem-vindo³.

Os toques sineiros em Ouro Preto são usualmente executados a três sinos. Os que precedem missa e os festivos compreendem várias partes. Os meninos e jovens tocadores de sinos, que normalmente atuam em dupla, em períodos festivos trabalham em equipe mais numerosa, pois os toques costumam ser mais longos e mais freqüentes, sendo os sinos tocados em momentos convencionados nos dias de tríduo ou novena, e no dia da festa. É corrente entre ouropretanos dizer que “festa [da Igreja e das irmandades] sem banda, foguete e sino não é festa, não!”.

Salvo em ocasiões circunstanciais que marquem grandes efemérides – como os 200 anos da morte de Tiradentes (1992), os 270 anos de nascimento do Aleijadinho (2004) – ou que tenham cunho artístico – como o concerto de sinos recentemente realizado na cidade, sob regência do maestro catalão Llorenç Barber, em dezembro de 2004, que contou com a participação dos sineiros locais, os toques atualmente vigentes em Ouro Preto se restringem à esfera religiosa, noticiando aos fiéis as missas, procissões, falecimentos e enterros, além de assinalar, marcar e compassar, desde a véspera, os períodos festivos dos oragos das várias irmandades atuantes. O toque de

incêndio, de utilidade pública, parece ter sido suprimido ao longo das últimas décadas. Se há testemunho de que foi utilizado para dar alarme de incêndios ocorridos na cidade nos anos 1950 e 1960⁴, em ocorrências mais recentes, como o do Hotel Pilão (abril de 2003), localizado na Praça Tiradentes, e o da república estudantil Baviera (março de 2007), localizada igualmente no centro histórico da cidade, os sinos não emitiram sinal algum.

Existem variações em alguns toques segundo o período litúrgico que se vivencia ou segundo aquilo que se comemora em determinada data. Assim sendo, uma chamada para missa dominical durante o Tempo da Quaresma diferirá dos alegres repiques que avisam da missa próxima durante o resto do ano, e ambos serão diferentes da chamada para missa do dia de Finados. Da mesma forma, durante as procissões, os sinos das igrejas diante das quais a procissão passa repicam alegremente, à exceção do tempo litúrgico e do dia acima mencionados. Entretanto, embora durante o Tempo Quaresmal, repicam-se os sinos com solenidade na Quinta-Feira Santa para o chamamento para a missa da Instituição da Eucaristia e no momento em que se canta o hino do *Gloria*, no decorrer dessa mesma cerimônia. Este é um momento particularmente especial, pois marca o início do luto profundo da Igreja em memória à paixão e morte de Cristo, luto que será rompido no Sábado Santo, no instante em que novamente se entoia o *Gloria* e tornam-se a repicar os sinos das igrejas. Esse intervalo de três dias – conhecido como Tríduo Sacro – é o único período do ano em que os sinos são proibidos de tocar, emudecendo-se e sendo substituídos pelas matracas. Uma outra circunstância em que os toques de sino fogem às prescrições estabelecidas para a Quaresma dá-se durante a procissão de Ramos, durante a qual os sinos repicam, e não dobram, como convém às demais procissões desse tempo litúrgico. Ao sineiro cabe, portanto, não apenas deter habilidade motora e conhecimento da sintaxe dos toques, mas também, noções de liturgia.

Levando em conta essa gama de situações, em que vários fatores são intervenientes, contam-se, atualmente, mais de 20 formas diferenciadas, pelas quais os sinos da cidade de Ouro Preto são tocados. Isso não implica a existência de igual número de toques totalmente diversos uns dos outros. Existem variações, calcadas sobre núcleos comuns, em que a diferenciação entre os toques se marca em seu início ou final, ou no número de badaladas e dobres que o compõem. Um exemplo disso seria o dobre fúnebre para clérigos, cuja compreensão dependeria do número inicial de badaladas, as quais indicariam a hierarquia do religioso falecido: padre, bispo ou papa.

Outro exemplo, em que a questão numérica também se faz presente, é a emissão dos sinais fúnebres para homens e mulheres leigos, que são dois para estas, três para aqueles. Quanto a estes últimos sinais fúnebres, seguem o prescrito pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, elaboradas em 1707. Portanto, para se decifrar corretamente a mensagem que os sinos transmitem é necessário, então, conhecer e acompanhar sua sintaxe, contar badalas e dobres: a linguagem campanária guarda nesses quesitos a chave para sua compreensão.

Conclusão

A manutenção dessa linguagem campanária compõe o cenário maior ouropretano que, entre outros fatores, tem uma fortíssima ligação com a história de ocupação do espaço mineiro por meio da agregação dos indivíduos em irmandades religiosas leigas. Tamanha influência tiveram e ainda têm essas irmandades na formação da sociedade mineira que, hodiernamente, guardam tradições que não são mais comuns no mundo católico. A manutenção e execução dos toques de sinos e a retomada, manutenção e realização de cerimônias religiosas que perderam força e até mesmo deixaram de se realizar após o Concílio Vaticano II se dá por uma iniciativa que se encontra, fundamentalmente, na mão de leigos. Mas leigos organizados em Irmandades. É o mundo laico, que desde a formação da província de Minas já atravessava o mundo religioso. Assim se verifica com a preservação do entoar solene do hino *Te Deum laudamus* ao final de grandes solenidades da Igreja e festas dos oragos das irmandades, com as numerosas procissões e com a celebração do Setenário das Dores de Nossa Senhora. Igualmente com a retomada da celebração do Ofício de Trevas, que voltou a se realizar na Semana Santa. A vigência e força de algumas dessas organizações leigas são, sem dúvida, um dos fatores que mantêm vivas essas tradições cerimoniais, assim como a cifrada linguagem campanária do local, que anunciam ou marcam compassadamente esses rituais, de modo a ser possível acompanhar, de casa, o andamento de certas celebrações litúrgicas.

No entanto, linguagens têm uma certa peculiaridade. Elas só se mantêm se continuarem a fazer sentido para os que se comunicam com e através delas. Enquanto os seus “falantes” as considerarem como significativas – e os significados emitidos no universo humano são de natureza múltipla e carregados de valores – as linguagens se perpetuarão.

E os sineiros, guardiões dessa peculiar forma de comunicação, em suas sucessivas gerações, anunciam e pontuam diversas ocasiões com seus festivos repiques ou lúgubres dobres. Do alto dos campanários delas participam à distância, anonimamente. Afinal de contas, *quem toca sino não acompanha procissão*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁVILA, Affonso. **Resíduos Seiscentistas em Minas**: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967.
- _____. Uma Encenação Barroca da Morte: as solenes exéquias de Dom João V em São João del-Rei. **Barroco**, Belo Horizonte, n.3, p.41-7, 1971.
- CONCEIÇÃO, Fr. Manoel da. Do Sacristão, e Sinos do Convento. In: _____. **Ceremonial Serafico, e Romano para toda a ordem Franciscana, e em especial para a observancia da Provincia dos Algarves**,... Lisboa Occidental: Officina da Musica, M. DCC. XXX. cap.III.
- HAUCK, João Fagundes. A Igreja na emancipação. In: BEOZZO, José Oscar (Coord.). **História da Igreja no Brasil**: ensaio e interpretação a partir do povo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. t.II/2. p.13-139
- LANGE, Francisco Curt. **História da Música na Capitania Geral das Minas Gerais**: Vila do Príncipe do Serro do Frio e Arraial do Tejuco. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1982. v.VIII.
- LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Estampa, 1984. v.II.
- LESAGE, Robert. Os sinos. In: _____. **Vestes e objetos litúrgicos**. São Paulo: Flamboyant, 1959.
- MACHADO, Simão Ferreira. Triunfo Eucharístico... (1734, p.41.). In: ÁVILA, Affonso. **Resíduos Seiscentistas em Minas**: textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967. v.I.
- MELLO e SOUZA, Laura de. **Desclassificados do ouro**. 3.ed., Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MENEZES, Joaquim Furtado de. **Igrejas e irmandades de Ouro Preto**. Belo Horizonte: Publicações do IEPHA, 1975.
- MIRANDA, Danilo Santos de. As missões e o progresso. In: MÁRIO DE ANDRADE. **Missão de Pesquisas Folclóricas**. São Paulo: SESCSP : Prefeitura da Cidade de São Paulo : Centro Cultural, 2006. v.Textos.
- MONTANHEIRO, Fábio César. **Signum, sinos e toques**: da magia do som metálico aos campanários ouropretanos.. Ouro Preto, MG, 2001. 124p. (Monografia de Especialização em Cultura e Arte Barroca) - IFAC, UFOP.
- OLIVEIRA, Dom Oscar de. **Os dízimos eclesiásticos do Brasil**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964. (Estudos, 3).
- OURO PRETO. ARQUIVO CASA DOS CONTOS. Compromisso da Irmandade do S.^{mo} Sacram.^{to} sita na Matriz de N. S. do Pillar de Ouro preto. 1738.
- PASSOS, Zoroastro Vianna. **Em torno da história do Sabará**. Rio de Janeiro: SPHAN, 1940.
- REGRA** do Glorioso Patriarca S. Bento. Mosteiro de Singeverga: Ed. Ora & Labora, 1951.
- REIS, João José. **A Morte é uma Festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações religiosas no ciclo do ouro**. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1963.
- VIDE, dom Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro, 1853.

¹ Cf. www.iphan.gov.br.

-
- ² O toque das 15h, às sextas-feiras, teria subsistido até há algum tempo nas capelas das Ordens Franciscanas; lembra-se ainda o Sr. José Silvestre Pereira Filho de que havia o toque para chamar as crianças para o catecismo (Entrevista gravada em 04.abr.1999). Quanto ao toque para parturientes com dificuldades, disse o Sr. José Lessa haver na capela do Padre Faria uma imagem de N. S. do Parto. Ele próprio teria dado esse toque a pedido de uma mulher, cuja irmã em trabalho de parto já estava desenganada pelos médicos. Isso se deu quando ele era zelador de tal capela. Disse que a mulher teria chegado desesperada na igreja, pedindo-lhe que soasse o sino a N. S. do Parto. Ele então lhe disse que entrasse na igreja e que, a cada badalada do sino, rezasse uma Ave-Maria, suplicando à Virgem pela irmã e seu filho. Segundo Sr. José Lessa, teriam sido três badaladas espaçadas, intervaladas pelo espaço de tempo suficiente para se rezar uma Ave-Maria. (Informação prestada em dez.1998).
- ³ Em 1998, em um dos dias da novena de Nossa Senhora da Conceição, no toque dado ao meio-dia, os sineiros convocados para tocar os sinos durante esse período festivo tentaram inovar, inserindo um novo elemento no toque. Além disso, modificaram a cadência dos repiques dados durante o dobre. Ao descerem da torre, Sr. Jovelino Teodoro da Silva, então sacristão dessa matriz, ralhou com eles, instando-os a tocar sino direito.
- ⁴ Amador Gomes (1925-2001), conhecido sineiro da cidade, afirmou ter tocado sino em três incêndios ocorridos na cidade no período apontado. (Entrevista gravada em 19.jul.1998.)